

Quarteto Modigliani

Pablo Barragán



GULBENKIAN
MÚSICA

02 fev 26

02 fev 26 SEGUNDA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Quarteto Modigliani

Amaury Coeytaux Violino

Loïc Rio Violino

Laurent Marfaing Viola

François Kieffer Violoncelo

Pablo Barragán Clarinete

György Kurtág

12 Microlúdios para Quarteto de Cordas, op. 13, c. 10 min.
Hommage à Mihály András

Joseph Haydn

Quarteto para Cordas em Fá maior, Hob.III:82 c. 26 min.

1. *Allegro moderato*
2. *Menuetto: Presto, ma non troppo*
3. *Andante*
4. *Finale: Vivace assai*

INTERVALO

Johannes Brahms

Quinteto com Clarinete em Si menor, op. 115 c. 38 min.

1. *Allegro*
2. *Adagio*
3. *Andantino*
4. *Con moto*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

György Kurtág

(Lugoj, 1926)

12 Microlúdios para Quarteto de Cordas, op. 13, *Hommage à Mihály András*

COMPOSIÇÃO 1977–1978

DURAÇÃO c. 10 min.

Antes de mais, assinalemos o facto de, dentro de 17 dias, a 19 de fevereiro, György Kurtág completar uns espantosos 100 anos – e continuar ativo!

O quarteto de cordas não tem sido um *medium* muito frequentado por Kurtág, que dedicou apenas oito obras a essa combinação instrumental, das quais quatro são obras muito breves (duas *Hommages* e as *Aus der Ferne III e V*). Nas quatro restantes, contam-se: um Quarteto para Cordas – único que compôs e obra que constituiu o seu op. 1, de 1959; os presentes *Microludes* (também eles uma *Hommage*), quase 20 anos posteriores; o *Officium breve in memoriam Andreae Szervánszky* (de 1988/89), quiçá a sua mais notável composição para quarteto; e os *6 Momentos Musicais*, de 2005¹.

Microludes/Microlúdios, ou “pequen(íssim)as brincadeiras”, é um termo que poderia ser denominado também de “bagatela” – e com propriedade, pois estes aforismos, escritos entre 6/11/77 e 31/1/78, remetem amiúde para o mundo expressivo do Webern atonal das 6 Bagatelas op. 9, para quarteto de cordas. Como ali, estamos diante de toda a paleta de parâmetros musicais, mas em modo condensado, concentrado e aforístico, parâmetros esses explorados com recurso

a uma extensa gama de modos de execução, que se vão sucedendo ou sobrepondo. Pretexto para a escrita da obra foi o 60.º aniversário (em 1977) do seu amigo András Mihály, personalidade iminente e multifacetada da vida musical húngara, e concretamente, colega, por muito tempo, de Kurtág na Academia de Música Franz Liszt de Budapeste, instituição na qual, num longo consulado enquanto diretor do departamento de música de câmara, Mihály foi figura-pivot no surgimento de vários e excelentes quartetos de cordas (agrupamentos) na Hungria.

Um princípio estruturante empregue por Kurtág nos *Microlúdios* é o facto de cada um deles ter como “nota gravitacional” uma nota da escala cromática (de 12 sons), perfazendo o conjunto, do n.º 1 ao n.º 12, uma escala ascendente completa. A “presença” de Webern faz-se notar sobretudo nos n.ºs 4 e 11 (que podia, ele próprio, ser uma *hommage*). Mas também há algo de schumanniano no n.º 8 (uma “petite histoire”), de ligetiano no n.º 9 e algo dos próprios *Játékok*² (começados em 1973) de Kurtág no n.º 6. Formalmente, vamos do amorfo à pequenina forma ABA, à forma-cadinho (AB alternado), ou à forma A com (*codetta* e) coda. O resultado são doze evanescentes universos, durando o todo nem 10 minutos.

Joseph Haydn

(Rohrau, 1732 – Viena, 1809)

Quarteto para Cordas em Fá maior, Hob.III:82

COMPOSIÇÃO 1799

DURAÇÃO c. 26 min.

Terminado em 1799 e editado em setembro de 1802 (junto com o seu “irmão” em sol maior), este quarteto foi encomendado por e dedicado ao príncipe Lobkowitz (mecenas de Beethoven, vide *Sinfonia Heroica*) e é o último quarteto terminado por Joseph Haydn (do seguinte, só completaria dois andamentos, vindo a ser editado como op. 103). Na altura da edição, o compositor contava já 70 anos, acusando traços de cansaço cerebral que o impediriam de compor nos últimos anos de vida.

Do projetado conjunto de seis quartetos, apenas esses dois ficaram para a posteridade (não se sabendo se Haydn destruiu algum quarteto adicional que tivesse escrito como parte da encomenda). Um possível motivo complementar para não ter prosseguido foi a aparição, em 1801, do primeiro conjunto de quartetos para cordas de Beethoven (os seis do op. 18), também eles dedicados a Lobkowitz. Haydn não terá querido entrar em competição com o seu antigo discípulo: seja porque sentia que não estava em condições de o fazer (devido ao cansaço mental e à idade); seja porque podia simplesmente dar-se a esse “luxo”, pelo estatuto e prestígio adquiridos e, crente que era, pela sensação de ter cumprido o dom que recebera

de Deus; seja, por fim, porque, sagaz, percebia os “ventos” da História e sentia que a época que despontava já não era a sua.

E o que nos deixou, com este quarteto, foi uma obra de consumada mestria. O 1.º andamento é uma forma-sonata bitemática, com um 1.º tema amplo e sugestivo de uma agradável conversação. O 2.º tema (*sotto voce*) é mais “liso” e parece um contracanto do 1.º. O desenvolvimento está bem sinalizado com um *forte* e apresenta duas grandes secções separadas por um segmento algo fantasmático. A reexposição é algo modificada (transições/pontes) e a coda é muito lapidar.

Raro em Haydn é o *Menuetto* em 2.º lugar. Mas de *Menuetto* tem só o nome, pois trata-se de um verdadeiro *Scherzo*, de fraseio cavado e enfático e cuja métrica explora o efeito de hemíola. O *Trio*, num lírico Ré bemol maior, parece uma terna canção de embalar. O regresso ao *Menuetto* faz-se por “desvios” e hesitações com a “marca” de Haydn.

O 3.º andamento é uma muito original construção, que funde a forma-variação, a forma-sonata e a forma-rondó. A mais

Johannes Brahms

(Hamburgo, 1833 – Viena, 1897)

Quinteto com Clarinete em Si menor, op. 115

—

COMPOSIÇÃO 1891

DURAÇÃO c. 38 min.

saliente, auditivamente, é a variação, pois vamos ouvindo o tema principal (composto de dois segmentos e que sugere um passeio aprazível, com algo de retrospectivo), ora neste, ora naquele instrumento. Esse tema cedo revela um carácter circular e de perene retorno, como se o andamento pudesse durar indefinidamente, ou pelo menos tanto quanto o tal “passeio aprazível”. Depois, a forma como Haydn constrói a harmonia, os acompanhamentos, os ritmos, os contrastes e as texturas dá a esses minutos a aparência de uma paisagem que nos vai sendo mostrada e que termina sob um céu sempre diferente. Não admira que termine numa acalmia progressiva, até se extinguir com toda a suavidade.

Para o *Finale* (numa forma-sonata monotemática), Haydn guardou a sensação de animação sempre palpitante e impetuosa. Original, nesse sentido, o modo inesperadamente derivativo como principia o desenvolvimento, mas também a transição quase imperceptível para a reexposição, bem como a ponte que liga à coda, com os seus laivos de *Singspiel*. O fecho confirma o tom civilizado e cavalheiresco.

Com Brahms passou-se algo de muito semelhante a Haydn: chegado a 1890, com o seu número de obras editadas a rondar então as 110, Brahms, com 57 anos, decidira pôr termo à sua vida pública de compositor (e maestro)³. Mas aconteceu-lhe então... Richard Mühlfeld. Membro da Orquestra da Corte Ducal de Sachsen-Meiningen, uma formação que Brahms dirigia com alguma regularidade desde 1881 (p. ex., no trabalho preparatório da estreia da sua 4.^a Sinfonia, em 1885), Mühlfeld chegara a Meiningen em 1873, como violinista (nos segundos violinos) e só em 1879 o seu contrato o especifica como 1.^o clarinete da orquestra, se bem que, nos anos anteriores, ele já regularmente alternasse os instrumentos. Não se pense que Mühlfeld era um ilustre desconhecido fora de Meiningen: cantores procuravam-no para aprenderem com ele respiração e fraseio e desde 1884 ele era o clarinetista solista da Orquestra do Festival Wagner de Bayreuth⁴. Ou seja, Brahms já o conhecia há vários anos, mas a experiência que teve em 1891 foi diferente: foi o momento em que a perfeita fusão de virtuosismo, musicalidade e beleza da emissão de Mühlfeld (então com 35 anos) arrancaram Brahms do seu (felizmente breve) autoimposto silêncio. O “momento” aconteceu em Meiningen,

a 15 de março e dias seguintes. Brahms deslocara-se ali para a estreia da tragédia *Oenone*, do seu amigo suíço Widmann, evento que foi pretexto para um festival de oito dias que motivou o encontro e convívio de muitos artistas. Em dois concertos, Brahms ouviu Mühlfeld tocar, primeiro, o Concerto em Fá menor de Weber, e depois, numa matiné organizada pela duquesa, o Quinteto de Mozart, num recital em que ele próprio tocou a parte de piano do seu Trio em Si maior. E a escuta dessas obras “encontrou” Brahms no momento preciso em que este estava preparado e predisposto a recebê-la, potenciá-la e frutificá-la em arte. Num lance, na metade inicial do verão desse ano, em Bad Ischl, escreveu duas esplêndidas obras com clarinete: o Trio op. 114 e o presente Quinteto op. 115⁵.

O Quinteto foi estreado privadamente em Meiningen, a 24/11/1891 e publicamente em Berlim, 18 dias depois⁶. A edição da partitura deu-se nem três meses depois, pela casa Simrock, de Berlim. Articula-se em quatro andamentos, com o 1.º numa ampla forma-sonata que, ainda que assente em temas (três temas principais, além de outras tantas ideias secundárias e do motivo recorrente exposto logo desde início), se impõe à audição pelas “atmosfera anímicas” que cria. O 2.º andamento (em Si

maior) é um meditativo e poético *Adagio* na forma ABA, com as cordas empregando sempre surdina. O *Andantino* (em Ré maior) adota o carácter de *Intermezzo* típico, por exemplo, das suas Sinfonias 1 a 3, secção a que sucede (como se fora um *Trio*) um *Presto* à laia de pequeno *Scherzo*, de traços húngaros. O *Con moto* final é, tal como no *Quinteto* de Mozart, um tema com cinco variações, elaboradas segundo o procedimento da *developing variation* (ou seja, uma variação tematicamente transformativa), sendo que a 5.ª e última nos reconduzirá inefavelmente aos compassos iniciais do 1.º andamento (o “retorno” e o “circular”), com o que a obra termina, em resignada serenidade.

NOTAS DE BERNARDO MARIANO

1. referência ainda para *Zwiegespräch*, para quarteto de cordas e eletrónica (sintetizador), um *work in progress* de oito anos (1998-2006), escrito a meias com o filho György Jr.
2. vasta série de cadernos pianísticos pedagógicos (onde também aparece o termo Microlúdio), para piano solo, a 4 mãos ou 2 pianos, que Kurtág começou em 1973 e que mantém até à atualidade (Livro 11 em curso).
3. se pretendia deixar de compor por inteiro, já é mais problemático, mas talvez a sua intenção fosse deixar de publicar obras.
4. mas o encontro com Brahms não deixou de projetar a sua carreira, mormente no plano dos seus concertos como solista, que aumentaram muito a partir de então.
5. díptico que passaria a quarteto em 1894, quando escreveu as duas Sonatas para Clarinete e Piano (op. 120, n.º 1 e n.º 2).
6. em Meiningen, acompanharam Mühlfeld: Joseph Joachim, Robert Hausmann (violoncelista do Quarteto Joachim) e dois músicos da Orquestra. Em Berlim, foi o Quarteto Joachim.

Quarteto Modigliani

Fundado em 2003, o Quarteto Modigliani é hoje reconhecido internacionalmente, sendo uma presença regular em importantes ciclos de concertos. No âmbito de uma residência na Radio France, em Paris, a partir da temporada 2025/26, apresentará anualmente dois concertos de quartetos para cordas e uma atuação de música de câmara com músicos convidados. A residência culminará na estreia de uma obra encomendada ao compositor Philippe Manoury. Outros destaques da presente temporada incluem uma digressão pela América do Norte, com atuações em salas de renome como o Carnegie Hall de Nova Iorque e o Kimmel Center, em Filadélfia, seguindo-se uma extensa digressão pela Ásia, com concertos na Coreia do Sul, na China e em Singapura. Na Europa, para além da Fundação Gulbenkian, o quarteto apresenta-se na Alte Oper de Frankfurt, no Laeiszhalle de Hamburgo e no Concertgebouw de Amesterdão, entre outros palcos. Em 2020, o Quarteto Modigliani assumiu a direção artística do festival de quartetos de cordas “Vibre! Quatuors à Bordeaux”, bem como do prestigiado Concurso Internacional de Quartetos de Cordas de Bordéus. O quarteto é também fundador

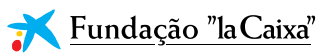
e diretor artístico, desde 2011, do Festival de Saint-Paul-de-Vence. Desde o outono de 2023, os seus membros são professores na École Normale de Musique de Paris Alfred Cortot. O Quarteto Modigliani grava para a editora Mirare desde 2008, tendo já lançado 13 álbuns premiados. Em janeiro de 2024, foi editado o mais recente álbum, com obras de Grieg e Smetana, recebido com entusiasmo pela crítica internacional. Esta gravação foi também incluída na lista de *best-sellers 2024* (categoria de música de câmara) do Prémio da Crítica Discográfica Alemã. Desde 2024, dedica-se ao maior desafio da atividade de um quarteto de cordas: a gravação da integral dos quartetos para cordas de Beethoven. Graças à generosidade e ao apoio de mecenas privados, os músicos do Quarteto Modigliani tocam em quatro instrumentos italianos de exceção: Amaury Coeytaux toca num violino Stradivari de 1715; Loïc Rio toca num violino de 1780 de Giovanni Battista Guadagnini; Laurent Marfaing toca numa viola de 1660 de Luigi Mariani; François Kieffer toca num violoncelo de 1706 de Matteo Goffriller. O Quarteto Modigliani agradece à SPEDIDAM o apoio nas deslocações durante as digressões nos EUA.

Pablo Barragán

Pablo Barragán é reconhecido pelo seu som refinado, aliado a uma elevada mestria técnica, carisma em palco e uma grande criatividade na programação das suas atuações. Formou-se no Conservatório de Sevilha com Antonio Salguero e na Fundación Barenboim-Said, na mesma cidade, com Matthias Glander. Entre várias distinções em concursos internacionais, destaca-se a conquista do *Prix Crédit Suisse Jeunes Solistes*, em 2013. Ao longo da sua carreira, tem colaborado com orquestras de prestígio, tais como a Orquestra da Brucknerhaus de Linz, a Sinfónica de Barcelona, a Sinfónica de Hamburgo, a Sinfónica da Radiotelevisão Espanhola e a Filarmónica Eslovaca, e com maestros como Anja Bihlmaier, Thomas Dausgaard, Daniel Raiskin e Zsolt Hamar. É atualmente um dos clarinetistas e parceiros de música de câmara mais requisitados, mantendo colaborações regulares com músicos de renome. Os convites para recitais incluem palcos ilustres como a Elbphilharmonie de Hamburgo, a Philharmonie de Colónia, o Konzerthaus de Dortmund, o Wigmore Hall de Londres e o Tonhalle de Zurique. A temporada 2025/26 inclui vários concertos com orquestra, destacando-se a abertura da temporada da Orquestra de Câmara de Colónia, sob a direção de Christoph Poppen. Seguem-se compromissos com a Filarmónica

de Baden-Baden, a Sinfónica de Castela e Leão dirigida por Vasily Petrenko, a Filarmónica Janáček de Ostrava e Tania Miller, a Orquestra NFM Leopoldinum de Wrocław e Michael Collins, e uma digressão pela América do Sul com a Orquestra de Câmara Franz Liszt. Adicionalmente, promove o seu álbum “Balagan”, com concertos no Brucknerhaus de Linz, no Lugano Arts Centre e no Wigmore Hall de Londres, acompanhado por Noa Wildschut e Amadeus Wiesensee. A curiosidade e o espírito criativo refletem-se também em dois lançamentos discográficos recentes da editora Accentus: “Balagan”, focado em obras de compositores judeus do século XX, incluindo Paul Schoenfield, Ernest Bloch, Claude Vivier e Darius Milhaud; e “Szinergia”, a primeira gravação de Pablo Barragán com uma orquestra de câmara, nomeadamente a Orquestra de Câmara Franz Liszt, e que inclui o Concerto de Câmara de Hartmann e arranjos das *Danças Romanas* de Bartók, do *Divertimento* de Weiner, da *Dança de Kálló* de Kodály e de *Callejón del Muro* de Paco de Lucía. Desde 2020, Pablo Barragán é professor na Academia Barenboim-Said, em Sevilha, e leciona *masterclasses* na Escuela Superior de Música Reina Sofía, em Madrid. É também artista oficial do fabricante de clarinetes Buffet Crampon e toca num instrumento do modelo RC Prestige.

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



